

A GUERRA DE HART



Durante a 2ª Guerra Mundial, Thomas Hart (Farrell), um estudante de direito, entra para o Exército e é feito tenente, sendo capturado pelos alemães. Já no campo de prisioneiros, ele é encarregado de defender um prisioneiro de guerra negro em um falso julgamento de assassinato, enquanto seus companheiros arquitetam um plano de fuga, liderados pelo Coronel William McNamara (Willis). Tenuemente baseado no livro homônimo de John Katzenbach, o filme nos apresenta valores (como disciplina, honra e lealdade), racismo e coragem. Destaque para a fotografia e as atuações de Bruce Willis e Collin Farrell.

Porém, apesar da trama ocorrer num ambiente bélico, “A Guerra de Hart” é mais um filme de tribunal cheio de racismo do que propriamente um filme de guerra. Todo o enredo é completamente irreal (a “cordialidade” do comandante do campo é verdadeiramente espantosa) e a estória muito artificial e sem sentido, já que se poderia supor que os soldados estariam mais preocupados em escapar ou pelo menos tentar ficar vivos (sem morrer de fome ou doenças), esperando pelo breve final da guerra (o filme se passa em 1945), ao invés de ficar maquinando sabotagens de fábricas ou julgamentos fajutos. No todo, o que começa como um filme que parece empolgante, se torna uma obra bastante tediosa.

Enfim, “A Guerra de Hart” é apenas um filme razoável e até burocrático, sendo competente ao contar a sua estória, mas nada além disto.

FICHA TÉCNICA:

Título Original: “Hart's War”.

Elenco: Bruce Willis, Colin Farrell e Terrence Howard.

Diretor: Gregory Hoblit.

Ano: 2002.

Classificação do SOMNIUM:



CURIOSIDADES:

- O ex-galã adolescente Jonathan Brandis esperava reviver sua carreira estagnada depois de ser escalado para um papel sério e dramático nesse filme, mas ele ficou devastado quando quase todas as suas cenas foram removidas no corte final. Ele caiu em depressão profunda, começou a beber muito e se matou no ano seguinte, a 12/11/2003. Você pode assistir a sua atuação nas “cenas deletadas” do DVD.

- John Katzenbach escreveu “Hart’s War” a partir da experiência de seu pai, Nicholas Katzenbach, que foi prisioneiro de guerra na 2ª Guerra Mundial.

- O Coronel McNamara (Willis) ostenta a ombreira da 1ª Divisão de Infantaria; Bedford (Cole Hauser) tem ombreira da 90ª Divisão e vários elementos do elenco usam a ombreira da 106ª Divisão, cercada nas Ardenas.

- Um dos roteiristas, Billy Ray, declarou que nunca leu o romance “Hart’s War”, que é a base do filme. Em uma entrevista em 2007, Billy Ray chama essa revelação de uma “admissão dolorosa”. Mas, ele explica que, na época em que entrou no projeto, o roteiro havia passado por tantos rascunhos que o que estava no livro em si não importava muito para seu trabalho de fazer o roteiro funcionar.

- A música tocada pela banda durante o ensaio do musical é “Der Fuehrer’s Face”, de Oliver Wallace, uma canção antinazista de 1942 usada no desenho de mesmo nome estrelado pelo Pato Donald, que ganhou o Oscar® de Melhor Curta de Animação em 1943. É no mínimo curioso que os alemães tivessem permitido a sua execução.

- De acordo com o Departamento de Assuntos de Veteranos, o número de serviço dado pelo Tenente Hart (1841287) foi concedido em 1952 a um soldado na Guerra da Coreia chamado Carlos Armandariz e não foi de fato concedido a nenhum oficial durante a 2ª Guerra Mundial.

- Edward Norton e Tobey Maguire foram cotados para o papel principal, mas ambos desistiram.

- Alfonso Cuarón iria dirigir esse filme, porém, ele desistiu para fazer “E sua Mãe Também” (2001).

- Este foi um dos vários filmes que foram atrasados por vários estúdios devido à tragédia do 11 de setembro. Outros filmes incluíram “Efeito Colateral”, “Grande Problema”, “Códigos de Guerra”, “Fomos Heróis”, “Showtime”, “Cálculo Mortal” e “A Rainha dos Condenados”. “Falcão Negro em Perigo” foi um dos poucos filmes lançados na data prevista (Natal de 2001).

- A voz de Sam Worthington (Guidry) foi dublada devido ao seu sotaque australiano.

- Bruce Willis também contracenou com Cole Hauser em “Lágrimas do Sol” (2003).

- Este foi o segundo filme de Bruce Willis com roteiro escrito por Billy Ray. O primeiro foi o polêmico “A Cor da Noite” (1994), no qual Ray escreveu a estória e compartilhou os créditos com Matthew Chapman.

- O pôster original do filme e o usado para seu lançamento mundial apresentou Bruce Willis e Colin Farrell juntos. Após os eventos de 11 de setembro, o pôster foi revisado, tendo apenas Bruce Willis no pôster com seu nome em letras grandes, já que a MGM achou que isso iria render mais dinheiro. Apenas no lançamento do DVD que Willis e Farrell voltaram a aparecer juntos.

- Quando Hart (Farrell) foge do barracão perto do final do filme, ele se esconde de dois guardas que passam. Quando eles passam, eles falam em alemão, o que se traduz como: “Meu cachorro não tem nariz”; “Como ele cheira?”; “Terrível.” Certamente uma desculpa esfarrapada para o cachorro não ter detectado Hart a poucos metros dele.

- O nome desse filme na França foi “Mission Évasion” (Missão de Fuga) e, em alemão, “Das Tribunal” (O Tribunal).

- Collin Farrell ganhou o prêmio de Melhor Ator no Festival Internacional de Filmes de Shangai em 2002 (a obra também foi indicada como Melhor Filme, mas não levou).

- Os guardas alemães são mostrados carregando fuzis Kar 98k sem visores ou varetas de limpeza. A falta desses recursos indica que são armas que foram capturadas pelos soviéticos durante a 2ª Guerra Mundial e foram despojadas destes itens após a guerra.

FUROS:

- Hart (Farrell) mantém o seu relógio de pulso no campo de prisioneiros. Este era um item valioso e era um dos primeiros a serem “aliviados” de prisioneiros quando capturados.

- O maior número de vitórias aéreas de um piloto de Tuskegee foi 4, não 9, como afirma o tenente Scott (Howard).

- Os aviões P-51 Mustang metralhando o pátio ferroviário não carregam nenhuma bomba quando lançam seu ataque. Então, conforme os prisioneiros de guerra escapam dos vagões, os P-51 de repente começam a lançar bombas.

- Depois do incidente com Scott (Howard) e Bedford (Cole Hauser), que saíram do barracão trancado, não vemos os alemães entrando nele para tentar descobrir como os homens saíram. Mais do que provável, eles teriam destruído o lugar até que encontrassem pelo menos um buraco de escape.

- Além de misturar tropas de terra e pessoal de aviação no mesmo campo (o que é quase impossível), é extremamente improvável que qualquer avião tuskegee da 15ª Força Aérea, com base na Itália, fosse levado para o Norte da Alemanha, onde os prisioneiros de guerra da Batalha de Bolsão eram mantidos.

- A sinopse diz que o Coronel Visser (Marcel Iures) é da Luftwaffe, o que seria correto, já que os alemães organizaram os campos de prisioneiros de guerra por ramo de serviço. Mas todos os alemães usam uniformes do Exército.

- Entre as diversas batatadas orgulhosamente realizadas pela dublagem do filme, a campeã foi: 332º Grupo de Caça virou “33 segundos”.

- No início do filme, a sequência do título informa que é o Batalhão de QG do V (5º) Corpo. A ombreira no ombro esquerdo do tenente Hart e dos outros membros da equipe é do VIII (8º) Corpo.

- Não há como o Coronel McNamara (Willis) determinar em que barracão os homens ficariam. Os alemães controlavam isso. Além disso, ele não poderia simplesmente aparecer no escritório do comandante do campo sem avisar e ser autorizado por ele.

- É mencionado que os aliados pensavam que a fábrica próxima ao campo produzia sapatos. Desde outubro de 1944, toda a produção industrial alemã era destinada ao esforço de guerra e certamente os aliados sabiam disso.

- Durante o ensaio teatral no campo de prisioneiros de guerra, o tenente Hart (Farrell) se aproxima do tenente Lamar Archer (Vicellous Shannon), que – visual e audivelmente – o chama de “sargento”.

- O nível de bebida na garrafa de vidro do escritório do Coronel Visser (Marcel Iures) muda entre as doses. Em um ponto, ele sobe e depois desce novamente sem ser derramado. Aliás, que sala magnífica para um campo de prisioneiros, não é?

- O filme retrata o Stalag VIa como sendo localizado no meio de um vale desolado perto de Augsburg, Alemanha. O verdadeiro Stalag VIa estava localizado em uma colina com vista para a cidade de Hemer, no centro do país.

- O verdadeiro Stalag VIa na verdade só continha um americano. A grande maioria dos prisioneiros era russa ou polonesa, com alguns franceses e britânicos.

- Perto do final do filme, quando o comandante está saindo do campo para retornar ao seu escritório, o soldado alemão o saúda com uma saudação americana em vez de nazista.

- Ao fim do filme, é anunciado ao Coronel Visser (Marcel Iures) que 35 prisioneiros estão faltando. Ao invés de ordenar um alerta e uma busca imediata, ele fica “zangadinho” e decide se vingar nos homens que fizeram dele de otário com a farsa do julgamento. Nem sequer as sirenes são acionadas.